

Adoção em matizes: os filhos que queremos são os que podemos ter?

Os dados que apresentamos no presente texto foram colhidos junto a uma das organizações com as quais mantivemos contato ao longo da pesquisa de campo referente à dissertação de mestrado, *"Os filhos que escolhemos: discursos e práticas da adoção em cama-das médias"*. O Grupo de Apoio à Adoção de Rio Claro / SP (GAARC / SP) permitiu-nos acesso ao cadastro das pessoas que procuraram a instituição nos últimos quatro anos. Embora esses dados não tenham representatividade estatística, sabendo-se que no Brasil ainda são escassos os dados quantitativos acerca de adoções, a realidade com que nos deparamos na pesquisa, ainda que pontual, pode ser uma pequena amostra do que ocorre em maior ou menor grau em todo o país.

Perfil dos pretendentes à adoção e da criança por eles desejada

Em todas as reuniões de pais adotivos e pretendentes à adoção realizadas pelo GAARC, os interessados em adotar são convidados a preencher fichas nas quais são colhidos dados de identificação, são delineadas as características físicas da criança que desejam adotar, cor, sexo e idade, bem como se aceitam gêmeos ou irmãos, e a forma como ficaram sabendo da existência desses grupos.

Em junho de 2003, havia 135 formulários preenchidos no GAARC. Desses, 98 eram referentes a pretendentes que já tinham se candidatado à adoção junto ao fórum de suas comarcas de origem, tinham cadastro aprovado e estavam, portanto, aguardando a liberação de uma criança. Outros 37 formulários eram referentes a pessoas que não tinham se inscrito na Vara da Infância e da Adolescência pleiteando uma adoção, ou ainda não tinham sido avaliadas pelo quadro técnico da Vara. Quando uma pessoa liga para o grupo de apoio à adoção ou vai a uma reunião e realmente está interessada em adotar, ela é aconselhada a se inscrever no fórum de sua cidade e

RESUMO

Consultando os cadastros de candidatos a pais adotivos que procuraram o Grupo de Apoio à Adoção de Rio Claro / SP (GAARC / SP) entre 1999 e 2003, procuramos traçar o perfil de potenciais pais adotivos e da criança que eles desejam adotar. Abordamos as preferências ligadas à cor, ao sexo e à idade da criança, buscando-se identificar os critérios seletivos envolvidos nas decisões tomadas por futuros pais adotivos.

Palavras-chave: adoção; camadas médias.

em outros fóruns, bem como se cadastrar no grupo de apoio. A vantagem de se cadastrar também no grupo de apoio é que, como já ocorreram casos de fóruns de diferentes cidades entrarem em contato com o GAARC em busca de interessados em adotar uma determinada criança, cadastrar-se no grupo de apoio pode ser uma chance a mais de realizar uma adoção. O leitor pode estar se perguntando: Como isso pode ser possível? Em fóruns do interior, acontece de nenhum dos pretendentes cadastrados na comarca se interessar por uma certa criança, especialmente devido a sua idade ou estado de saúde. Nessas circunstâncias, as assistentes sociais podem recorrer a listagens de fóruns de outras comarcas ou mesmo aos cadastros informais dos grupos de apoio à adoção. Em 2002, o GAARC contribuiu para a recolocação de seis crianças em família por essa via.

Os dados que apresento aqui estão baseados apenas nos 98 formulários de pretendentes com cadastro aprovado no fórum de sua cidade de origem, porque os outros 37 formulários estavam com várias informações incompletas. As pessoas preenchiam os campos relativos à identificação, mas não especificavam o perfil da criança desejada, por essa razão acabei optando por excluí-las da análise quantitativa, aproveitando apenas algumas observações feitas nas fichas pelos pretendentes que ajudaram a compor a pesquisa qualitativa.

Segundo voluntários do grupo de apoio à adoção, tem havido um decréscimo no número de pretendentes que se cadastram no grupo

com a intenção de adotar. Até junho de 2003, sete casais haviam sido cadastrados, esse número representa menos que a metade da procura ocorrida em 2002 no mesmo período. Por ano, em média, o grupo é procurado por cerca de 30 a 40 casais.

Dos 98 formulários preenchidos por pretendentes com cadastros aprovados em fóruns que mantinham suas fichas ativas, isto é, que conservavam a solicitação de que fossem comunicados caso o fórum de alguma comarca acionasse o grupo, 13 haviam se cadastrado em 1999, outros 13 em 2000, 24 em 2001, 41 em 2002 e 7 em 2003 (até junho).

Considerando esse universo de 98 inscrições, 9,2% correspondem a mulheres que adotariam filhos sozinhas (8 mulheres eram solteiras e 1 era viúva), casais perfazem 90,8% dessa amostra. Não foi encontrado um único homem que pretendesse adotar sozinho uma criança. Aliás, não se tem notícia de um único homem sem parceira estável que tenha procurado o GAARC planejando adotar uma criança em toda a história do grupo.

A idade média das mulheres que estão recorrendo à adoção para ter filhos é de 36 anos. A mais jovem tem 21 anos e a mais velha 56 anos. Essa média de idade aumenta consideravelmente quando se considera isoladamente a idade das mulheres que pretendem adotar sozinhas uma criança, pois a média de idade entre elas é de 42 anos. Entre os homens, a média de idade é de 37 anos, sendo que o mais jovem tinha 22 anos na data do cadastramento, e o mais velho 59 anos. Um dado interessante sobre os casais cadastrados, é que as

mulheres são mais velhas do que seus parceiros em 30,3% dos casos. A adoção é uma possibilidade de constituição de prole bastante pertinente para alguns casais em que as mulheres já passaram dos 40 anos e os homens estão na faixa dos 20 a 30 anos.

Abaixo (Tabela 1), verifica-se que são consideráveis os percentuais de homens e mulheres com nível universitário (profissionais das ciências e das artes) candidatar-se a pais adotivos. Entre os homens, esse percentual é de 25,8% e entre as mulheres, de 36,7%. O segundo ramo de atividade mais comum entre os homens é o comercial (23,6%) e entre as mulheres que exercem trabalho remunerado, são os cargos administrativos (15,3%). Entre as ocupações femininas, destaca-se ainda o percentual de mulheres que se declararam donas-de-casa, ou para utilizar a expressão empregada nos formulários, são *do lar* (17,4%).

Quanto à localidade de residência, 16,5% dos pretendentes moram em Rio Claro; 63,2% são de outras cidades do interior paulista; 11,2% são de São Paulo capital; 4,1% são do estado do Rio de Janeiro; 2% são de Minas Gerais; 1% reside na Bahia; 1%, no Paraná e 1% não informou a cidade de origem.

Sobre a forma como ficaram sabendo da existência do GAARC, 24,5% o conheceram através da internet; 19,4% foram informados sobre sua existência por agentes ligados ao Poder Público (Fóruns, Secretaria de Ação Social, abrigos, Ordem dos Advogados do Brasil); 18,4% declararam que o GAARC lhes foi indicado por parentes ou amigos; 7,1% conheceram o GAARC através de divulgações feitas na mídia (revistas femininas, rádio e televisão); 8,1% procuraram o grupo após terem acesso a divulgações feitas pelo próprio GAARC mediante distribuição de panfletos, cartazes e palestras; 3,1% declaram que foram informados sobre o GAARC por outros grupos de apoio à adoção. Os demais pretendentes (19,4%) não revelaram como souberam da existência do grupo.

Cerca de 65,3% dos pretendentes cadastrados no GAARC não têm filhos; 25,5% têm um ou mais filhos e 9,2% não forneceram essa informação. Dentre os casais com filhos, 40% têm filhos biológicos; 36% têm filhos adotivos e 24% não

especificaram se seus filhos eram biológicos ou adotivos.

Sabendo-se que o GAARC tem trabalhado pela sensibilização dos futuros adotantes para as adoções necessárias (adoção de crianças maiores, inter-racial, de crianças com necessidades especiais e grupos de irmãos), nota-se que os pretendentes à adoção inscritos no grupo são mais abertos a adotar irmãos gêmeos do que irmãos em diferentes faixas etárias: 43,9% adotariam gêmeos; 27,6% não adotariam gêmeos e 28,5% não responderam a essa questão. A maioria dos pretendentes (40,8%) não deseja adotar irmãos que não sejam gêmeos. Apenas 18,4% declararam se interessar em adotar irmãos sem impor restrições; 9,2% se dispõem a adotar irmãos, mas delimitam uma idade máxima para

o mais velho que varia de 1 a 5 anos; 1% adotariam irmãos, mas colocam restrições quanto a quantidade de crianças, não mais do que duas; 1% fazem restrições relativas ao sexo, adotariam apenas meninas que fossem irmãs; os restantes 29,6% dos pretendentes não responderam a essa questão.

Quanto ao perfil da criança desejada pelos adotantes, alguns candidatos a pais adotivos costumam ressaltar que não querem crianças com comprometimentos físicos ou mentais, ou geradas por aids ou alcoólatras. Outros vão mais longe, e recusam crianças que tenham antecedentes de AIDS na família, mas também há aqueles que adotariam uma criança cujos genitores fossem aids, desde que exames comprovassem que ela não é portadora do HIV.

Tabela 1 - Perfil ocupacional de mulheres e homens, pretendentes à adoção, inscritos no cadastro do GAARC.

Ocupações	Mulheres (n = 98)	Homens (n = 89)
Membros superiores do poder público, dirigentes e gerentes de organizações e empresas	1%	5,6%
Profissionais das ciências e das artes.	36,7%	25,8%
Técnicos de nível médio	4,1%	5,6%
Trabalhadores de serviços administrativos	15,3%	4,5%
Trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio em lojas e mercados	8,2%	23,6%
Trabalhadores do setor agropecuário	1%	3,5%
Trabalhadores da produção de bens e serviços (construção civil)	0	1,1%
Trabalhadores da produção de bens e serviços industriais	0	3,4%
Trabalhadores da área de reparação e manutenção	0	1,1%
Membros das forças armadas, policiais e bombeiros militares	0	2,2%
Estudantes	1%	0
Do lar	17,4%	0
Não declarado	15,3%	23,6%
Total	100%	100%

Obs.: O enquadramento das profissões declaradas em uma das áreas de atuação acima especificadas foi baseado na *Classificação de Ocupações: Censo Demográfico 2000*. IBGE. Ago./2001.

No quesito cor (Tabela 2), observa-se que os adotantes aprendem a diversidade de cores de pele como uma gradação de tons do mais claro ao mais escuro, sendo comum utilizarem a preposição *até* para indicarem uma certa margem de concessão a tonalidades não idênticas, mas próximas a sua própria tonalidade de pele, por exemplo, preferem uma criança branca até morena, branca até mulata etc. Crianças brancas são de longe as preferidas dos pretendentes à adoção, 42,8% fazem questão de ter filhos (as) brancos (as), outros são um pouco mais flexíveis, aceitando crianças brancas até morenas, brancas até pardas, brancas até

mulatas¹. É significativo registrar que entre pessoas que querem adotar uma criança morena ou parda, observei a preocupação em frisar que desejam uma criança morena ou parda, mas não negra. Entre os que desejam crianças mais escuras ou negras, sabe-se que eles próprios possuem esses tons de pele. Portanto, não se trata meramente de uma discriminação das crianças negras por parte dos adotantes, há neles o desejo de imitar a biologia, ou seja, encontrar crianças que se aproximem do biótipo que supõem que um filho biológico deles teria. Somente 3,1% dos adotantes dizem estar dispostos a adotar uma criança de qualquer cor.

Os principais temores que acometem os futuros pais adotivos dizem respeito à hereditariedade.

Ouvindo voluntários que são pais adotivos ou pretendentes à adoção durante as reuniões, fica evidente que a determinação demonstrada por certos adotantes na preferência por meninas deriva da idealização de que as garotas são mais dóceis, mais fáceis de criar, mais companheiras e mais caseiras do que os meninos. Acredita-se que um filho do sexo masculino dará mais trabalho, meninos são mais violentos, rebeldes, menos apegados aos pais. Criar meninos é visto como mais arriscado do que criar meninas, porque eles se deixam seduzir com mais frequência pelas drogas e pelo crime. Na criação de meninas o maior temor diz respeito à possibilidade de uma gravidez precoce e indesejada, todavia aposta-se que hoje esse é um desafio mais fácil de contornar através do diálogo com as filhas. Imagina-se que as chances de uma garota se envolver em conflitos ou infringir a lei são menores. Os problemas enfrentados pelos garotos na adolescência parecem mais ameaçadores aos futuros pais do que os problemas colocados pela educação de uma menina.

Durante as reuniões de pais e pretendentes à adoção, pessoas que já têm filhas adolescentes tentam desfazer essa imagem que os pais de primeira viagem têm da diferença entre garotos e garotas na adolescência, alegando que meninas também estão expostas às drogas, podem ser agressivas e desejar maior autonomia em relação aos pais tanto quanto, ou até mais, do que um menino.

Os dados quantitativos apontam que sem sombra de dúvidas, quanto menor for a criança maior é a probabilidade de ela ser adotada. Somando-se os percentuais daqueles que adotariam crianças com alguns meses de vida ou até com 1 ano completo, conclui-se que 59,9% dos pretendentes não adotariam uma criança com mais de um ano de vida. Atente ainda o leitor que, como se vê na Tabela 3, 8,2% dos pretendentes adotariam

Tabela 2 - Cor da criança desejada pelos pretendentes à adoção cadastrados no GAARC.

Cor da criança desejada	Percentual encontrado (n = 98)
Branca	42,8%
Branca até morena	14,3%
Branca até parda	13,3%
Branca até mulata	1%
Morena	14,3%
Morena até parda	4,1%
Parda até negra	1%
Mulata até negra	1%
Negra	3,1%
Qualquer cor	3,1%
Sem informação	2%
Total	100%

Conforme se pode visualizar no gráfico 1, a maioria dos pretendentes afirma não ter preferência pelo sexo da criança a ser adotada, 56,2% adotariam indiferentemente um menino ou uma menina. Outros 38,8% almejam adotar meninas contra 5,2% que preferem meninos.

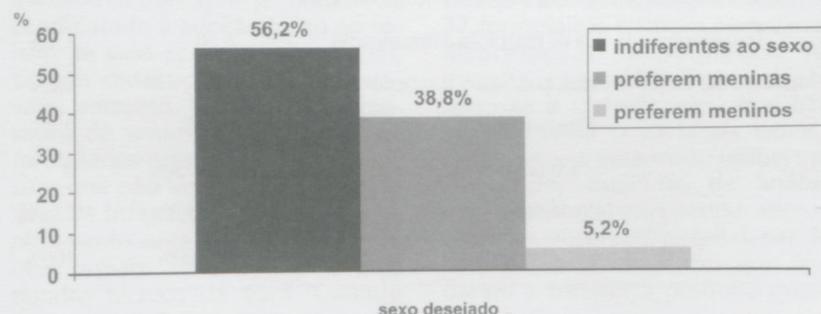


Gráfico 1 Sexo da criança desejada pelos pretendentes à adoção cadastrados no GAARC.

uma criança com mais de 3 anos, mas ninguém se mostrou disposto a adotar uma criança acima de 7 anos.

Tabela 3 - Faixa etária da criança desejada para adoção entre os pretendentes cadastrados no GAARC.

Idade da criança desejada	Percentual encontrado (n = 98)
Até 3 meses	11,3%
Até 4 meses	5,2%
Até 6 meses	11,3%
Até 8 meses	4,1%
Até 1 anos	28%
Até 2 anos	19,5%
Até 3 anos	12,4%
Até 4 anos	3,2%
Até 5 anos	2%
Até 6 anos	2%
Até 7 anos	1%
Total	100%

Entendemos que a pretensão de imitar a biologia engloba tanto o desejo de encontrar uma criança que apresente semelhança física com os adotantes, quanto o desejo de adotar um bebê recém-nascido, na esperança de que já que não foi possível gerá-lo, que ao menos a única etapa da relação entre pais e filhos a ser suprimida seja a gravidez, logo, todas as outras fases do desenvolvimento seriam assistidas pelos adotantes.

Sejam nas reuniões ou nas conversas informais, os principais temores que acometem os futuros pais adotivos dizem respeito à hereditariedade, à carga genética da criança que adotarão; à possibilidade da mãe biológica ou outro parente consanguíneo desejar uma reaproximação da criança e interferir na vida familiar; à possibilidade que alguém um dia lhes tome o filho; se vão conseguir criar laços fortes e permanentes com a criança; se esse filho vai gostar deles ou os rejeitará quando souber que foi adotado; o que fazer se o filho quiser conhecer a família biológica, como lidar com isso. Entre aqueles em que esses temores acham-se mais exacerbados, imitar a biologia é um artifício que os ajuda a conter as próprias inseguranças.

Comentários Finais

Em nossos dias, a adoção ainda é uma questão delicada. Exal-

Em nossos dias, a adoção ainda é uma questão delicada. Exaltada por uns como solução para os problemas sociais que assolam nossa infância ou vista por outros, estritamente, como solução para a ausência de prole, o fato é que prevalece na adoção o desejo de imitar a biologia.

tada por uns como solução para os problemas sociais que assolam nossa infância ou vista por outros,

estritamente, como solução para a ausência de prole, o fato é que prevalece na adoção o desejo de imitar a biologia. Por mais que se reconheça o valor da convivência, da amizade, do amor e da união que caracterizam e conferem significado à família enquanto valor, os adotantes preferem crianças de pouca idade e com características físicas próximas às suas próprias, em uma atitude clara de reproduzir da maneira mais fiel possível a experiência que teriam se houvessem concebido o filho.

Observada com certa atenção, a adoção revela-se um universo rico de interpretações não só sobre a família e o que significa pertencer a uma família, mas possibilita ampliar o entendimento sobre a sociedade em que vivemos, seus valores e seus preconceitos. A adoção é um ato jurídico que fixa relações. Porém, não se estabelece relação com qualquer indivíduo. Aqui, entram em ação critérios seletivos, cujo poder de determinar o futuro de crianças destituídas de família não pode ser desprezado. É justamente essa seletividade na adoção que precisa ser questionada, pois ela tem se constituído um dos principais entraves à concretização de adoções.

Autora

¹Mestre em Antropologia Social/Unicamp e aluna especial do Doutorado em Demografia/Unicamp. E-mail: joicemv@uol.com.br

Nota

¹Costa (1991) e Weber (1998) apresentam dados empíricos do Rio de Janeiro e do Paraná, respectivamente, que se assemelham aos aqui expostos.

Referências bibliográficas

- COSTA, M.C.S. da. *A cor que não se vê e a cor que se tem: a criança preferencial na adoção em camadas médias. Estudos Afro-asiáticos*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos afro-asiáticos, v.21, p.109-117, dez 1991.
- VIEIRA, J.M. *Os filhos que escolhemos: discursos e práticas da adoção em camadas médias*. 2004. 192p. Dissertação (mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- WEBER, L.N.D. *O Filho Universal: Um Estudo Comparativo de Adoções Nacionais e Internacionais*. In: NAZARETH, E.R.; MOTTA, M.A.P. (Coords.). *Direito de Família e Ciências Humanas*. São Paulo: Editora Jurídica Brasileira, 1998. p.119-152.